



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 42

Os Onzes

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta.
Eu sou a Branca Vianna.

Normalmente, quando a gente escolhe as diferentes histórias pra compor os episódios aqui do Rádio Novelo Apresenta, a gente conecta elas pelo tema.

A gente tenta combinar histórias que têm a mesma dinâmica narrativa, ou que parece que se complementam de algum jeito esquisito.

Mas, essa semana, a conexão entre as histórias é de outra natureza.

São eventos completamente diferentes que vieram se encontrar no nosso calendário.

Eventos que a coincidência do espaço-tempo juntou.

E, uma vez que a coincidência juntou, não dá mais pra separar.

A primeira história de hoje começa num não-lugar.

Um lugar virtual, que hoje em dia a gente precisa garimpar muito pra acessar uma versão só parcialmente preservada.

Mas esse lugar virtual faz parte da história brasileira recente.

Os nossos anfitriões nesse ato vão ser a Bia Guimarães e o Vitor Hugo Brandalise.

ATO 1

Vitor Hugo Brandalise: Na virada do milênio, no meio dos sites

de notícias, blogs e salas de bate-papo, surgiu um portal que mal apareceu e já virou um dos mais acessados.

Leão Serva: O lugar de maior audiência da internet brasileira naquele momento.

Vitor Hugo Brandalise: Talvez você tenha navegado por esse lugar. Ele se chamava iG.

Leão Serva: Três meses depois do lançamento do iG, ele ultrapassou a audiência do maior site de internet que existia na época, que era o globo.com. Ele superou o UOL, que era o maior portal.

Vitor Hugo Brandalise: Esse é o Leão Serva. Ele é jornalista.

Leão Serva: Sou jornalista, sou jornalista há muitos anos já.

Vitor Hugo Brandalise: Há mais de 40 anos.

Leão Serva: Fui correspondente de guerra em 92 e, durante pelo menos um ano, assim, cobri várias guerras.

Vitor Hugo Brandalise: Além de ter sido correspondente de guerra na Bósnia, na Somália e no Kuwait, o Leão Serva passou por várias cadeiras diferentes no jornalismo.

Ele foi editor, diretor de jornalismo, chefe de imprensa na prefeitura do Gilberto Kassab, em São Paulo...

Mas talvez o nome dele te soe familiar por causa de outro episódio, mais recente.

Leão Serva: Depois, uma outra coisa foi, mais recente, que foi o episódio em que eu acabei jogando longe o telefone de um deputado bolsonarista depois do debate da TV Cultura. E isso assim, eu fui dormir com mil pessoas no Instagram e acordei com 22 mil. Sabe, assim? Foi uma coisa assim, muito momentosa, e eu disse na época eu comentei com os meus amigos, falei assim, "O cara é jornalista há 40 anos, e um episódio

fortuito faz uma coisa dessas”.

Vitor Hugo Brandalise: Mas, naquele momento, na virada do milênio, ele tava trabalhando como diretor de jornalismo no iG. iG, aliás, significa “Internet Grátis”.

Leão Serva: Internet Grátis.

Vitor Hugo Brandalise: O iG não era só um portal de notícias e entretenimento. Por trás daquele sucesso todo, tava um modelo de negócios que era novo.

A internet no Brasil nessa época usava a linha do telefone pra funcionar.

E aí tinha as empresas “servidoras”, que cobravam uma mensalidade pra fazer essa conexão com a internet.

Mas agora o iG tava oferecendo isso de graça.
E os internautas iam pagar só pelo tempo que eles ficassem conectados – ou seja, só pelo uso da linha telefônica.
A conexão ia ser... grátis.

Leão Serva: E era esse o modelo mesmo. Ele tinha que ter muita audiência e tinha que ter muita retenção das pessoas em diferentes sites, porque assim ele atraía telefonia, vamos dizer.

Vitor Hugo Brandalise: Quanto mais interessante fosse o conteúdo do site, mais tempo as pessoas iam ficar “penduradas” na linha de telefone.
Nessa época, a dona do iG era uma companhia telefônica: a Telemar que depois virou a Oi.
Então tudo o que ela queria era que as linhas ficassem ocupadas, mesmo.
Quanto mais gente conectada, mais dinheiro ia entrar no iG.

Leão Serva: E assim foi que ele começou a criar modas, e uma dessas modas, a gente começou a fazer o “dia disso” ou o “dia daquilo”. Havia uma onda que até hoje existe, mas que na época tava muito forte, que

era a onda do gerúndio, “nós vamos estar fazendo”, “eu vou estar te ligando”, eu vou isso... Então nós fizemos o “Dia Sem Gerúndio”. Foi um dia em que nenhum texto do jornal podia ter gerúndio, e os textos ficavam perfeitamente legíveis.

Vitor Hugo Brandalise: Teve vários dias “temáticos” assim.

O objetivo dessas campanhas era puramente publicitário, pra atrair audiência. As ideias geralmente vinham de cima, do conselho do iG, de uma galera mais da área de marketing.

Leão Serva: O iG tinha uma coisa publicitária no seu DNA, porque um dos fundadores do iG, o empresário que primeiro fez o primeiro investimento do iG era o Nizan Guanaes. Mas essas campanhas, etc, tinham um pouco a ver com essa veia publicitária do Nizan, mas também tinha a ver com essa coisa que é tão comum no relacionamento entre jornalistas, empresas jornalísticas e redações de jornal e seus usuários. Campanhas, “defendo isso, defendo aquilo”, campanhas humanitárias e tal. Então o iG tinha uma coisa de, digamos assim, de mobilização, que era importante.

Vitor Hugo Brandalise: Até que um dia aconteceu isso. Veio uma ideia lá de cima.

Tava um clima meio esquisito no país naquele começo de milênio.
Crise econômica, problemas na segurança pública, tavam rolando muitos sequestros...

Leão Serva: Sequestros milionários, mas também muitos pequenos sequestros de pessoas, etc, então havia um clima de insegurança, quer dizer, havia um baixo astral no país muito grande.

Vitor Hugo Brandalise: E aí os conselheiros do iG pensaram: será que o portal não pode ajudar a melhorar o clima geral da nação brasileira?

Leão Serva: Se dizia: “Ah, só tem má notícia? Só tem má notícia...”, e tal. E, em algum momento, alguém, numa diretoria acima da minha – do meu coturno, alguém começa a dizer “Olha, vamos fazer o Dia da Boa Notícia”.

Vitor Hugo Brandalise: O Dia da Boa Notícia.

Leão Serva: Um dia em que o iG só ia publicar notícias consideradas “boas”: doações de empresas... gente que faz o bem sem olhar a quem... histórias de superação... algum número bom de economia ou de saúde... Só essas coisas. 24 horas de um mundo cor de rosa. A boa notícia contra o baixo astral.

Carina Martins: Puta que pariu.

Vitor Hugo Brandalise: Mas essa notícia por si só – de que ia ter um Dia da Boa Notícia – já derrubou o astral dos jornalistas lá na redação.

Carina Martins: Eu odiava esse dia desde o começo.

Vitor Hugo Brandalise: Essa campanha ia contra tudo o que a gente vê desde o dia 1 na profissão.

Carina Martins: Não, porque jornalismo é oposição. Se não, é armazém de secos e molhados. Se não, é publicidade.

Vitor Hugo Brandalise: Essa, citando a frase clássica do Millôr Fernandes, é Carina Martins. Ela era uma das editoras do site.

O trabalho dela era cuidar da home no período da manhã, a partir das 7 horas.

O Leão Serva era chefe da Carina. E ele sabia que ninguém da equipe tava feliz com essa história. Ele também não tava.

Leão Serva: A minha primeira reação, e de todo o meu time de jornalismo, meus editores e tal, foi: “Isso não vai

dar certo”. A boa notícia não é notícia, tá certo?

Vitor Hugo Brandalise: O Leão fez o que muita gente faz quando não tá a fim de fazer alguma coisa.

Leão Serva: Eu sei que essa discussão se prolongou por meses.

Vitor Hugo Brandalise: Ele empurrou essa história com a barriga, pra ver se quem tinha tido a ideia acabava esquecendo.

Leão Serva: Vamos fazer um Dia da Boa Notícia? Daí vinha “vamos, vamos, vamos...”

Vitor Hugo Brandalise: Mas a chefia... não esqueceu. E o Leão teve que aceitar.

Leão Serva: Então eu disse “Olha, vamos fazer, me dá um mês, eu ponho a minha equipe inteira produzindo boas notícias, uma catadupa de boas notícias, suficientes para sustentar um site durante um dia. Então serão matérias especiais. Fomos atrás de pessoas “Fulano que ajuda não sei quem”. Passamos um mês produzindo.

Vitor Hugo Brandalise: Isso foi em 2001. Agosto de 2001. E o Dia da Boa Notícia tava marcado pra dali a um mês.

Leão Serva: Não vai ter má notícia, e pá pá pá! E fomos fazendo, durante o mês fomos preparando. E assim foi. No dia 10 de setembro, nós estávamos prontos para ir dormir. E, no dia seguinte, à meia noite, começava o Dia da Boa Notícia.

Carina Martins: Eu lembro que acho que tinha um cara no Taboão, se não me engano, que tinha uma grande coleção de VHS, porque a gente tá falando de 100 anos atrás, uma grande coleção de VHS e que fazia um cineclube na casa dele para as crianças do bairro, que é uma história super fofa e essa era uma das mais

produzidas. A gente jamais ia imaginar, quando a gente começou, por mais que a gente achasse que não é uma boa ideia o Dia da Boa Notícia, jamais ia imaginar que era tão má ideia.

Bia Guimarães: Naquela noite de 10 de setembro, a uns 100 quilômetros de São Paulo e da redação do iG, o prefeito de Campinas tava saindo de um shopping da cidade e indo pra casa.

O Antônio da Costa Santos – que todo mundo conhecia como Toninho do PT – era arquiteto e professor universitário. Ele tinha 49 anos e tava no oitavo mês de mandato. Era o auge da carreira política dele.

Naquele dia, o Toninho saiu do trabalho, na prefeitura, e foi pra academia. Depois, ele passou no shopping pra buscar um terno que ele tinha comprado. Já eram umas dez e vinte da noite quando ele pegou o rumo de casa.

O Toninho tava sozinho, ele se recusava a andar com segurança. Quando ele tava dirigindo por uma avenida, ainda perto do shopping, começaram os tiros.

Foram três tiros, que partiram de outro carro. Um dos disparos atingiu a artéria aorta do Toninho. E ele morreu na hora.

O prefeito de uma das maiores cidades do Brasil tinha acabado de ser assassinado.

Luiz Antônio de Crescenzo: E aí me ligaram. “Porra, meu, mataram o prefeito”. Falei “como assim, cara?” “Mataram o Toninho”. Eu falei: “Nossa senhora”.

Bia Guimarães: O Luiz Antônio de Crescenzo era repórter da EPTV Campinas nessa época, a emissora local da Globo. E ele acompanhava o Toninho de perto, como jornalista e

como eleitor também.

Luiz Antônio de Crescenzo: Ele era esse perfil de prefeito muito querido, muito simples e muito, muito moderno, enfim. Um cara diferente. Ele era um cara muito próximo do Lula, e era um cara muito querido do próprio partido.

Bia Guimarães: O Luiz ficou em choque com a notícia. Na verdade, todo mundo ficou.

Luiz Antônio de Crescenzo: Balançou a cidade inteira.

Bia Guimarães: É sempre chocante quando uma figura pública é assassinada.

Quem tinha matado o Toninho? E por quê?

O Toninho ia contra as grandes empreiteiras, contra a especulação imobiliária...

Antes de ser prefeito, ele já tinha até denunciado supostas fraudes em obras de Campinas.

Será que a gente tava de frente pra um crime de vingança? Pra um assassinato político?

Ou será que o prefeito tinha sido só mais uma vítima da onda de violência que tava espalhada pelo país?

Um monte de perguntas surgiam na cabeça de quem ia cobrir o assunto.

Amauri Soares: A notícia estourou à noite, né? E aí as redações já conversaram e já se organizaram. A Globo São Paulo já falou que ia fazer toda a cobertura porque era o Toninho do PT. Era uma morte muito emblemática... porque a notícia foi muito impactante. Toninho do PT era uma liderança nova que estava surgindo do PT, de uma cidade muito importante, como Campinas...

Bia Guimarães: Esse é o Amauri Soares. Hoje ele é diretor executivo da TV Globo, mas na época ele era diretor de jornalismo da Globo em São Paulo.

Amauri Soares: Então, nossa primeira ideia foi nos encontrarmos na redação de manhã, na manhã seguinte, para irmos para Campinas. E lá ancorarmos os jornais de São Paulo e os jornais de rede – da hora do almoço, Jornal Hoje – de Campinas.

Bia Guimarães: É super comum mandar um repórter pra cobrir um acontecimento de perto. Mas esse acontecimento era tão grande, que o Amauri tomou uma decisão bem rara. Deslocar o jornal todo pra Campinas, inclusive o âncora, que na época era o Carlos Nascimento. A edição ia ser gravada direto da cidade, com o apoio da emissora local, a EPTV Campinas.

Luiz Antônio de Crescenzo: Eu acho que a minha equipe ia ser usada por um desses repórteres nacionais, e eu ia ficar na redação, compondo, ajudando...

Bia Guimarães: O assassinato do Toninho do PT ia ser um dos maiores assuntos do dia nos jornais do estado, e até do país.

Luiz Antônio de Crescenzo: Aí todo mundo querendo ir aonde o Toninho tinha sido baleado, entendeu?

Bia Guimarães: E o crime ia repercutir ao longo da semana, ou mais.

Até solucionarem o caso.

Tinha tudo pra ser assim.

Vitor Hugo Brandalise: A notícia sobre a morte do Toninho chegou no Leão Serva nos últimos minutos do dia 10 de setembro.

Só pra lembrar, o Leão era o diretor de jornalismo do iG.

Leão Serva: Quando deu 15 pra meia noite, tocou meu telefone e era esse rapaz, Diego, Diego Toledo, ele era o editor da madrugada dizendo “Leão, são 15 para meia noite. E aconteceu que mataram o prefeito Toninho do PT em Campinas”. “Putz, meu Deus, mas como mataram e tal... meu Deus, o prefeito Toninho do PT, o que é?”...

Vitor Hugo Brandalise: Em condições normais, o Leão ia saber o que fazer com uma notícia dessas.

Mas aquele não era um dia normal lá no iG.

Eles tavam na contagem regressiva pro “Dia da Boa Notícia”.

Leão Serva: Eu disse: “Então faz assim, ó...” Nós temos uma manchete e dez chamadas na primeira página. E as matérias têm todas um identificador do tipo “Economia”, no centro da capa do iG.

Vitor Hugo Brandalise: Era o chamado “chapéu” da

reportagem - que geralmente diz coisas como “Política”, “Esportes”, “Internacional”... as editorias clássicas de um jornal.

Às vezes, dependendo do veículo, o “chapéu” diz o assunto da matéria, tipo “Previdência”, ou “Desmatamento”, sei lá.

Leão Serva: Eu falei, a última notícia da direita, de baixo, ou seja, a décima notícia, em vez do nome da editoria, você põe “Má notícia”.

Vitor Hugo Brandalise: Tem uma regra no design de sites de notícias – que segue uma regra de capas de jornal em geral –, que é:

a informação mais importante fica no topo da página, à esquerda.

Conforme você vai descendo pela página, vêm notícias mais “frias”, menos relevantes – até chegar no canto de baixo à direita.

Foi ali – no espaço menos nobre da página – que o Leão Serva mandou o editor da madrugada colocar a notícia mais quente daquele momento.

E com esse chapéu inédito: “Má notícia”.

Inédito até porque, geralmente, tem má notícia em todas as editorias, sobre todos os assuntos.

Leão Serva: E aí vai. “Assassinado o prefeito Toninho... de Campinas, Toninho do PT”. Então eu falei “Essa notícia vai ficar sempre aí e você vai atualizando esse mesmo texto”. Ao longo de todo o dia, “má notícia”, morreu, tal, nessa posição.

Vitor Hugo Brandalise: Por uma coincidência infeliz, dois acontecimentos incompatíveis tinham se cruzado. Tinha acontecido um assassinato de relevância nacional justamente quando um dos sites mais importantes do país tava com as portas fechadas pra tudo o que fosse ruim.

A única fresta era aquele espacinho na décima notícia da home.

Era ali que o Toninho ia ficar, quase escondido.

Carina Martins: Eu entrava às 7h para ficar na home e eu ficava na home sozinha, meio das 7h às 10h. E às 7 horas eu já estava puta, já cheguei puta porque já tinha tido o Toninho. “Ah, pessoal, uma má notícia, um pezinho de página pra você: ‘mataram o prefeito de Campinas’. Mas bola pra frente, vamos aí, tem um cara aqui distribuindo sorvete de graça, em outros cantos. Vamo que vamo”. Agora, quantos chapéus você pode dar de má notícia, né? É uma piada, mano.

Vitor Hugo Brandalise: A Carina tava puta da cara, mas tava decidida a seguir as ordens dos chefes dela lá no iG.

Carina Martins: A gente está com esse projeto, esse projeto tem que atravessar esse dia. [...] [23:54] Porque todo mundo sabe que vai ter más notícias no dia. [...] [23:58] porque é um dia qualquer no mundo. [...] [24:03] tinha uma blindagem, um acordo entre todos nós, ainda que contrariados, de que isso não podia acontecer. Aconteça o que acontecer, a gente vai manter isso daqui.

Vitor Hugo Brandalise: Com essa ordem em mente, a Carina ligou o computador pra começar o Dia da Boa Notícia.

Ela tinha várias boas novas pra botar no ar.

Bia Guimarães: Naquela época, a internet não tava na palma da nossa mão como tá hoje.

A gente não era tão conectado o tempo todo.

E a maior parte das pessoas, mesmo em Campinas, só foi saber da morte do prefeito no dia seguinte de manhã.

Eu moro em Campinas há 11 anos.

Não é tempo suficiente pra eu ter vivido in loco esse capítulo da história da cidade – mas é tempo suficiente pra eu ter conhecido muita gente que morava aqui – e que lembra bem de como recebeu a notícia.

Bia Guimarães: Então, em 2001 você tinha...

Sarah Azoubel: seria 14, 14 anos.

Bia Guimarães: A Sarah Azoubel é produtora sênior da Rádio Novelo.

Ela também não é campineira, mas ela mora na cidade desde criança.

Sarah Azoubel: Eu estudava num colégio que era perto da minha casa. Minha mãe me levou pra escola, um dia normal, estudava de manhã. Chegamos lá, a escola estava fechada. E eu lembro de a gente descer, olhar o portão... Estava fechado. Acho que minha mãe conversou, assim, talvez tivesse alguém na portaria e minha mãe conversou...

Bia Guimarães: Falaram pra mãe da Sarah que o prefeito tinha morrido.

E que não ia ter aula.

Sarah Azoubel: E aí a gente voltou pra casa.

Bia Guimarães: Quando você é adolescente, uma notícia dessas não é tão impactante.

Você não processa muito a informação.

Mas você sente que aquele dia começou estranho, atípico.

Sarah Azoubel: E eu lembro de a gente ligar a TV, falou "ah, vamos assistir TV". É uma coisa que a gente não fazia de dia de semana, estava sempre na escola. E a gente ligou a TV. E eu lembro de estar olhando assim...

Bia Guimarães: Foi aí que a Sarah viu na TV a mesma coisa que o Luiz Crescenzo tava vendo lá na redação da EPTV Campinas.

Luiz Crescenzo: Eu estava na redação, de pé, conversando, assim, com meu chefe de reportagem, e a televisão estava no fundo.

Bia Guimarães: Que também foi a mesma coisa que o Amauri Soares viu, no meio da reunião com a equipe dele,

na TV Globo em São Paulo antes deles pegarem a van para Campinas.

Amauri Soares: A minha sala tinha um painel com vários monitores...

Vitor Hugo Brandalise: Que foi a mesma coisa que a Carina Martins, lá na redação do iG, viu.

Carina Martins: Na tevezinha de tubo que a gente tinha ali em cima da bancada da redação.

Notícia do JH Plantão: Você está vendo aí imagens ao vivo de Nova York, das chamadas Torres Gêmeas do World Trade Center, no sul da ilha de Manhattan. A informação é de que um jato comercial, não se sabe ainda se de passageiros ou de carga, se chocou com as torres.

Carina Martins: Um avião atravessa uma das torres gêmeas do World Trade Center.

Vitor Hugo Brandalise: Eram 9h46 da manhã por aqui quando o primeiro avião atingiu uma torre do World Trade Center, em Nova York.

Notícia do Plantão da Globo: (Gritos) What's happening? (Som de prédio caindo) Here it comes, I'm getting behind the car, it's incredible (sirenes).

Carina Martins: E aí o mundo para na hora, assim, né? E a gente fica "Cara, e agora? Fudeu. Que que a gente vai fazer?"

Vitor Hugo Brandalise: Não sei se você tinha pescado esse *detalhe* até agora, mas o Dia da Boa Notícia calhou de acontecer justo no dia 11 de setembro de 2001. Ou: o atentado às Torres Gêmeas calhou de acontecer justo no Dia da Boa Notícia do iG.

Todos os olhos ali no iG se voltaram pra Carina. Ela era a responsável por atualizar a capa do site de notícias de maior audiência no país. Ela não ia fazer nada?

O mundo caindo, e ela ia manter lá na home a matéria de cineclube de fitas cassete pra crianças? Ia colocar o avião batendo no World Trade Center lá na editoria improvisada de “má notícia”, junto com a morte do Toninho?

Carina Martins: Aí eu liguei pra Leão...

Leão Serva: Eu estava num congestionamento indo para o iG, como fazia todos os dias. Então ela me ligou e falou assim: “Leão, um avião bateu no World Trade Center.”

Carina Martins: E ele falou “Não dá.” Pode ser um acidente... Não vai dar.

Vitor Hugo Brandalise: “Não dá”. Ele tava falando pra ela ignorar, pra não colocar a notícia no site. Na hora, o Leão lembrou de um outro avião que bateu num prédio em Nova York...

Vídeo do Youtube: “The Empire State Building’s 79th floor was hardest hit by the crash”...

Vitor Hugo Brandalise: Um acidente que destruiu um andar do Empire State Building, em 1945. Era uma cena completamente diferente da que estava nas telas de TV do mundo inteiro.

Leão Serva: Eu visualizei essa cena, imaginei um teco-teco, assim, falei assim: “Mas Carina, hoje é Dia da Boa Notícia. Você não sabe disso? Não adianta, porque é Dia da Boa Notícia, é Dia da Boa Notícia”. Vamos em frente.

Carina Martins: “Não vai dar”. E eu: “Caralho, não

vou dar, tá bom”. Putz, que, que ideia! Tamos lá. E aí começam a chegar as pessoas, as pessoas começam a chegar e começam a cobrar e começam a ligar de outros setores da empresa na minha orelha. “E aí, gente? Que boa notícia, o mundo acabou, vocês tão dando boa notícia?”

“Vamos tirar isso, vamos tirar isso.” E eu, “Cara, meu, pô, não posso, não dá, é o nosso Dia da Boa Notícia, não tem como”.

Vitor Hugo Brandalise: A Carina não podia ir contra as ordens do chefe.

Por mais que ela achasse que aquela ideia não devia nem ter saído do papel.

Carina Martins: Inacreditável. É inacreditável.

Leão Serva: E aí foi que eu continuei no congestionamento, alguns minutos depois...

Carina Martins: E, no meio desse fervo, desse stress, bate o segundo.

Plantão da Globo: Oh my god... (explosão) outro avião. with my own eyes... oh my god.

Plantão do Jornal Hoje: Olha, realmente, foi um avião que bateu ali. É isso, houve um segundo, um segundo acidente... É impressionante isso.

Leão Serva: E aí ela me ligou e falou assim: “Leão...”

Carina Martins: Falei, “Leão, seguinte, bateu outro avião, é terrorismo, eu vou dar. Acabou o Dia da Boa Notícia. Acabou o Dia da Boa Notícia. Esquece, acabou o Dia da Boa Notícia. Chegando aqui, você me manda embora, você me demite, porque eu vou tomar essa decisão”.

Leão Serva: “Eu estou dando de manchete, quando você chegar aqui, você me demite, tá?” E desligou

(risos). Eu falei assim “Nossa, duas...” Aí que eu visualizei o tamanho da coisa, tá certo?

Carina Martins: E tomei essa decisão. Derrubei o Dia da Boa Notícia. Acabou o Dia da Boa Notícia. Era o 11 de setembro, terrorismo, enfim.

Vitor Hugo Brandalise: No momento seguinte que você bateu o telefone, você disse tchau, como foi?

Carina Martins: Não, que tchau! Aí eu tenho que refazer a home, aí eu vou trabalhar.

Vitor Hugo Brandalise: A Carina correu pra refazer a home do iG. Ela demoliu aquele mundo cor de rosa – que já tinha sido manchado pelo assassinato do Toninho – e botou no topo da página a notícia do que tava acontecendo nos Estados Unidos.

Tudo isso enquanto ela tentava não pirar com medo de ser demitida quando o chefe chegasse.
E aí, o Leão chegou.

Leão Serva: Eu falei: “Ó, parabéns! Parabéns pela decisão”. A capacidade de decidir rapidamente as decisões certas é um negócio que precisa ser muito elogiado.

Carina Martins: Eu fui super acolhida porque eu estava muito nervosa. Eu estava, meu, tive que bater o telefone na cara do Leão. E eu não lembro qual foi a nossa conversa, mas eu muito rapidamente eles me mandaram para casa. Eu não participei da cobertura do 11 de setembro, tipo: “vai dormir, vai pra casa descansar”.

Bia Guimarães: Lembra que, naquela manhã, a equipe de jornalismo da TV Globo de São Paulo ia pra Campinas, pra cobrir de perto a morte do Toninho?
Que aquela ia ser a notícia do dia ou até da semana, que ia repercutir no Brasil inteiro?

Amauri Soares: E aí o nosso dia tomou um rumo completamente diferente. Nosso plano de ir a Campinas ancorar o jornal foi absolutamente descartado.

Bia Guimarães: De uma hora pra outra, a notícia do assassinato do prefeito de uma das maiores cidades do estado de São Paulo e do país perdeu a importância que tinha até ali.

Amauri Soares: A partir daí, a notícia da morte— da morte do Toninho do PT — ou a cobertura do dia seguinte da morte do Toninho do PT — deixou de fazer parte da nossa pauta na Globo São Paulo.

Bia Guimarães: Os jornais locais, da emissora de Campinas, ainda iam falar muito do Toninho, claro. Mas não os jornais de escala nacional.

Amauri Soares: Nos concentramos totalmente no 11 de setembro. O Jornal Nacional daquele dia foi histórico porque trata-se de um evento histórico, que evidentemente, a cobertura do Toninho do PT ganhou outra dimensão. Foi uma notícia bastante pequena, curta, perto daquilo que seria, né?

Bia Guimarães: O Jornal Nacional daquela noite teve cerca de 58 minutos, já tirando os intervalos. Desses 58 minutos, mais ou menos 53 minutos e meio foram dedicados aos atentados em Nova York e possíveis

consequências deles.

2 minutos foram dedicados à morte do Toninho.

E sobraram mais 2 minutos e meio pra espremer a previsão do tempo e algumas notícias pequenas, tipo o Guga eliminado de um torneio de tênis.

Bia Guimarães: Do mesmo jeito que o Dia da Boa Notícia calhou de acontecer no mesmo dia do ataque às Torres Gêmeas – ou vice-versa –, o assassinato do Toninho calhou de cair na véspera do 11 de setembro.

O Toninho deu o azar de morrer nos últimos instantes antes de um eclipse que não deixou a gente enxergar mais nada.

Aconteceu um fato chocante.

Mas aí, quando a gente tava se virando pra olhar pra ele, veio um outro fato enorme, gigante, e entrou na frente. Tapando tudo.

A partir daquele momento, os jornais iam passar em looping as cenas dos aviões atingindo as torres em Nova York.

Iam falar do ataque simultâneo ao Pentágono, das hipóteses pro atentado terrorista...

Começava ali o repertório que ia acompanhar a gente por anos: o Talibã, o Bin Laden, a Guerra ao Terror...

Nesse eclipse, o assassinato do Toninho de repente teve que se espremer entre uma matéria e outra sobre o World Trade Center.

Não é que a morte dele não tenha sido coberta, ou que não tenha aparecido nos grandes jornais.

Eu fui olhar as edições da Folha, do Estadão, do Globo... e o Toninho tá lá.

De um jeito ou de outro, todo mundo falou disso.

E eu também não tô dizendo que as duas notícias – a de Nova York e a de Campinas – deveriam ter tido o mesmo peso nas manchetes.

A questão não é bem essa.

É mais um exercício de imaginar como teria sido se esses dois eventos não tivessem cruzado o caminho um do outro.

Será que, fora daquele eclipse, o assassinato do Toninho teria sido destaque nas manchetes ao longo daqueles dias?

Será que as pessoas teriam tido mais chance de se espantarem com aquela morte?

Será que esse crime teria comovido o país inteiro?

Aqui de novo o Luiz Antonio de Crescenzo, que era repórter da EPTV Campinas.

Luiz Antonio de Crescenzo: Porque se você tirar tudo isso da cena, né, imagina você tira tudo hoje, se você tira 11 de setembro dessa semana, a gente teria aqui o Jornal Nacional em peso, e falando de uma morte que precisa ser investigada com eficiência. Porque aí o JN também faria suíte, faria Fantástico, faria Linha Direta...

Bia Guimarães: Será que as pessoas hoje lembrariam da morte do Toninho tanto quanto elas lembram da morte do Celso Daniel, o prefeito de Santo André que foi assassinado no ano seguinte?

Será que, com a comoção, também ia ter tido mais pressão pra investigarem o caso de cabo a rabo?

Será que o desfecho ia ser diferente? Será que a gente ia saber hoje quem matou o Toninho, e por quê?

Amauri Soares: Então, o quanto isso pesou depois, na memória do fato do caso do PT, ou, eventualmente, do esclarecimento ou não, é difícil medir. Mas que há um impacto, há, né?

Bia Guimarães: Em 2021, o crime prescreveu. E em 2022, o inquérito foi arquivado.

O Ministério Público nunca chegou a nenhuma prova que apontasse pra um assassinato político, mas também não descartou essa possibilidade.

A família do Toninho e alguns aliados políticos dele até hoje acreditam que foi um crime premeditado. Que o prefeito tava na mira de gente que ele desagradou. No ano passado, a família dele chegou a mandar uma denúncia pra Comissão Interamericana de Direitos Humanos, acusando o Estado brasileiro de omissão nas investigações.

Mas também existe a hipótese de que ele simplesmente tava no lugar errado, na hora errada. Uma das explicações levantadas é que quem atirou nele foi um sequestrador que estava fugindo pela mesma avenida onde o Toninho estava passando naquela noite. O carro do Toninho teria atrapalhado a fuga, e aí atiraram nele.

Ao que tudo indica, a gente vai ficar sem saber.

Luiz Antonio de Crescenzo: É uma pena que a história termine sem fim, né? É a história que termina sem fim...

Vitor Hugo Brandalise: A coincidência dessas duas tragédias – o assassinato do Toninho e os ataques terroristas – faz a gente pensar no quê que é notícia. E em como a relevância de uma notícia sempre se dá em relação a outra. O local merece menos peso do que o internacional? Ok, tamos falando de uma morte aqui versus milhares de mortes nos atentados terroristas... Mas é uma questão de quantidade de vítimas? Se fosse um atentado terrorista com o mesmo número de mortes, sei lá, no Iraque, em Moçambique, na Ucrânia... os jornais iam dar o mesmo destaque?

Ou a gente lê essa diferença de tratamento por um viés econômico – porque o que acontece nos Estados Unidos tem impacto no mundo todo?

Olhando as manchetes dos jornais brasileiros naquele dia, dá pra ver que nenhum deles titubeou.

Quer dizer: teve um que titubeou.

Carina Martins: O Leão chegou, organizou toda, fez, teve que fazer um editorial: “Tentamos” (risos).

Leão Serva: Era um texto muito legal, que era um editorial que você abrindo o iG, era um pop-up, ele pulava, dizendo mais ou menos o seguinte: “Tentamos, mas a história nos atropelou”. E aí vinha “Hoje o iG tinha feito o Dia da Boa Notícia, mas infelizmente a história mostrou que não dá”, sei lá, alguma coisa assim. “E, portanto, vamos às más notícias”.

Carina Martins: “Tentamos – a gente tentou. Fica aí a lição: não tentem”. E é isso. Esse foi o nosso grande Dia da Boa Notícia, a nossa experiência com o Dia da Boa Notícia.

Vitor Hugo Brandalise: “Não tentem” fazer jornalismo só com boas notícias. Lembrando que essa campanha nem tinha sido ideia dos jornalistas – tinha partido da chafia lá de cima, que tava querendo deixar os internautas pendurados no site.

O que, na verdade – com tudo o que a gente sabe hoje sobre retenção, métricas de audiência, essas coisas – não faz o menor sentido, né? Porque o que engaja mesmo é polêmica, sensacionalismo...

A Carina me falou que, graças àquele dia, a discussão sobre as boas notícias serem ou não jornalismo sempre teve muito viva no grupo de amigos mais próximos dela.

Justamente o pessoal que trabalhava no iG naquele tempo. As “vítimas da Boa Notícia”, como um deles me falou.

Agora, é curioso ver que a Carina e o Leão tiraram reflexões bem diferentes desse episódio.

Pra Carina, se a boa notícia tem que ser boa pra todo mundo, se ela é uma coisa completamente inócua e sem consequências, talvez ela não seja, de fato, uma notícia.

Carina Martins: Não é um questionamento que a gente tinha na época, mas é uma coisa que eu penso hoje: a boa notícia tem que ser boa para todo mundo? Porque se for boa para todo mundo, talvez ela não seja nada, né, talvez não esteja acontecendo nada aqui. Só pode ser bom o que é muito ameno, só pode ser bom uma história que me faz me sentir bem, e isso é uma notícia? A notícia está aqui para cuidar do meu emocional? Para mim, me incomoda bastante, não gosto.

Vitor Hugo Brandalise: Mas, 22 anos depois do Dia da Boa Notícia, o Leão já não acha que tem a ver com “notícia boa pra combater o baixo astral”.
E sim com o ambiente político que a imprensa ajuda a criar.

Leão Serva: Eu estou convencido de que as notícias, as notícias sobre criminalidade são hiper dimensionadas no jornalismo como um todo, não só no sensacionalista, o que faz com que no mundo inteiro a violência esteja sendo reduzida, mas a opinião pública não percebe isso. A opinião pública não percebendo isso, ela é um terreno fértil para todo tipo de de perversão política do tipo bolsonarismo, trumpismo. Essa defesa paranóica da segurança, que flerta com o racismo, flerta com o anti-imigrantes e etc e tal. E isso certamente é muito... tem no jornalismo um elemento importante.
Então, eu não tenho dúvida de que alguma ação, uma reflexão e ação sobre a questão da boa notícia ou do controle sobre a vocação para más notícias deve ser discutido, implantado, perseguido pelo jornalismo. Não tenho dúvida disso, porque é uma falsidade, quer dizer,

o retrato que o jornalismo passa sobre a segurança pública nas grandes cidades do mundo é apenas um adubo, adubando o extremismo que é ameaça a todas as democracias do planeta, por exemplo. Segundo lugar, é falso, é falso. A cidade de Nova York tem menos violência do que esteve antes. Você vai lá, e estão os jornais noticiando criminalidade com um espaço que ele não tem mais. Então você aumenta a notícia de um certo crime e você não diz assim “Olha, mas ele é menos comum hoje do que foi no passado”. Você tinha que dizer isso. Tá certo? “Pode se sentir mais seguro.”

Vitor Hugo Brandalise: O que os dois concordam sem titubear é que não tem como existir um dia só de boas notícias – e muito menos “produzir” um dia inteiro só disso.

Carina Martins: Eu fico muito brava de lembrar, cara. Eu fico muito puta, muito irritada. Porque não dá. Eu... Quase pessoalmente ofendida com a desgraça, com... A grande tragédia e você falando “não, é comigo isso, não é possível que eu estou sozinha na home no ‘Dia da Boa Notícia’. E é 11 de setembro. Não é possível que isso esteja acontecendo”. E foi literalmente o que aconteceu.

Leão Serva: Uma coisa, quer dizer, eu não faria um Dia da Boa Notícia novamente. Foi trágico porque nós estávamos contra aquilo. Fizemos. E aí foi como se a história olhasse, falasse assim: “Olha, isso é para as escolas de jornalismo dizerem assim: sabe tudo o que você aprendeu? Não vá romper o que eu te ensinei, porque se você romper, tem aquela história lá do Leão e da equipe do iG, tá certo?”

Carina Martins: Não precisava ter acontecido o 11 de setembro pra gente saber que o Dia da Boa Notícia é uma má ideia.

Branca Vianna: O Vitor Hugo Brandalise e a Bia Guimarães são

produtores sênior da Rádio Novelo.

A segunda história do episódio de hoje começa no mesmo dia fatídico: 11 de setembro.

Mas o 11 de setembro de outro ano, em outro país, e antes mesmo da internet nascer.

Essa história fica por conta da Natália Silva.

Natália Silva: Um tempo atrás, uma mulher procurou a Novelo com uma ideia de pauta. E um pedido de ajuda.

A ideia tinha a ver com uma coisa que a gente chama no jornalismo de efeméride – que é o aniversário de um fato importante. Um momento histórico, nesse caso aqui.

Pode parecer um tipo de pauta fácil, porque é sobre uma coisa que aconteceu no passado, então tem material disponível pra se basear... mas, justamente por isso, é difícil fazer uma coisa nova com isso.

O risco de ver o seu trabalho se perder no mar de lembranças é grande.

E o pedido de ajuda que veio junto com a ideia de pauta fazia essa tarefa ser ainda mais complexa.

Bianca Tavolari: Bom, meu pai é chileno, né.

Natália Silva: Quem viveu o momento histórico não foi ela.

Foi o pai da Bianca Tavolari.

E a Bianca queria ajuda pra conversar com ele.

Não porque ela não fala espanhol... porque ela fala.

Ou porque eles não se falam.

Ou, sei lá, porque o pai saiu pra comprar um cigarro no Chile e não voltou mais.

A Bianca e o pai dela são próximos, se dão bem... ele mora no Brasil há um tempão, ela nasceu aqui...

O motivo era outro.

Bianca Tavorari: O meu pai... Ele fala disso como se fosse assim, como se não fosse com ele.

Natália Silva: E ela queria saber como tinha sido viver aquilo de verdade.

Bianca Tavorari: assim, ele sabe muito, ele vai te falar muitas datas, ele vai te falar o nome de um monte de pessoa, ele vai, né, só que tem isso como se ele tivesse desimplicado, então é quase um mecanismo de defesa, assim, dele, de como que conta...

Natália Silva: Um mecanismo de defesa.

Bianca Tavorari: Sem se colocar na posição que estava aos 17, está na posição de hoje assim, sabe, como se não conseguisse voltar para aquele lugar, então acho que o mais legal é tentar voltar para aquele lugar, o que era aquilo, né.

Natália Silva: Pra Bianca, voltar “praquele lugar” era um jeito não só de entender melhor o pai dela, mas de se conectar com o avô dela... que ela nunca chegou a conhecer.

A única ponte da Bianca pra esse passado é o pai.

Então, o pedido de ajuda era esse: fazer ele falar.

Então eu levei o pai da Bianca prum estúdio.

Mas não só ele.

Natália Silva: Eu vou começar pedindo para você se apresentar. [00:00:03]

Bianca Tavolari: Eu? Pra eu me apresentar?

Natália Silva: Fomos os 3. Eu, a Bianca...

Bianca Tavolari: Meu nome é Bianca Tavolari, nesse lugar de hoje eu estou na condição de filha do Rodrigo Tavolari, que está aqui...

Rodrigo Tavolari: Então, meu nome é Rodrigo Tavolari, eu sou chileno...

Natália Silva: Se você ligou os pontos, talvez você já tenha adivinhado de que momento histórico o Rodrigo vai falar aqui.

Este ano, em 2023, faz 50 anos que o Chile – a terra natal do Rodrigo – foi palco de um golpe de Estado.

Era lá que o Rodrigo tava quando tudo aconteceu.

Isso foi em 1973. E o Rodrigo estava numa posição que fez com que ele visse a História – a História com H maiúsculo – se desenrolar de muito perto.

A posição dele era de filho. Filho de um homem chamado Antonio Tavolari.

Natália Silva: E como era o seu pai como pai?

Rodrigo Tavorari: Meu pai era muito carinhoso, ele era muito, assim... Como político, ele... ele... eu posso dizer que ele era mais político que pai, porque... No sábado, nos domingos, normalmente ele não estava em casa, porque tinha que fazer alguma visita política num lugar e no outro. [00:15:52]

Natália Silva: Eu acho que... logo de cara, nessa frase curtinha dá pra entender um dos motivos de ser tão difícil pro Rodrigo se colocar em primeira pessoa nesse relato.

Ele entendeu muito cedo – talvez cedo demais – uma coisa que a maioria das pessoas só entende na adolescência ou na vida adulta. Que o pai dele não era só o pai dele.

Pra ficar perto do pai, muitas vezes, o Rodrigo teve que ir atrás do político.

Rodrigo Tavorari: então, no fim de semana, quando meu pai saía para fazer campanha para ele ou pro Allende, normalmente eu sempre ia junto. Então eu tive praticamente... Quando tinha desde seis, sete, oito anos, eu ia em todas as campanha, em todos os lugares.

Natália Silva: O Allende que o Rodrigo citou sem muita cerimônia – e você vai entender o porquê disso – é o Salvador Allende. O presidente chileno que sofreu o golpe em 1973.

40 anos antes disso, ou seja, em 1933, os caminhos do Allende e do Antonio se cruzaram. Na fundação de um partido.

Rodrigo Tavorari: Meu pai ajudou a fundar o Partido Socialista, junto com o Allende e outros outros políticos.

Natália Silva: O Partido Socialista - que nasceu da união de vários grupos socialistas que tinham se organizado no Chile no começo do século 20.

O Antonio era membro do comitê do partido em Valparaíso – uma cidade que fica na costa chilena, onde o Rodrigo nasceu e cresceu.

A mesma cidade que, em 1963, fez do Antonio um político.

Rodrigo Tavorari: E ele tinha, assim, uma preocupação social muito grande, aí acabou sendo candidato pelo Partido Socialista a vereador, ele foi vereador duas vezes em Valparaíso...

Natália Silva: Depois de ser vereador de Valparaíso por 7 anos, o Antonio decidiu dobrar a aposta. Ele se candidatou ao cargo de deputado. E contou com a ajuda de um amigo.

Rodrigo Tavorari: Então assim, a relação que meu pai tinha com o Allende era de muita amizade, de muita camaradagem, poderia se dizer...

Natália Silva: O Salvador Allende e o Antonio Tavolari não eram só colegas de partido. Eles eram amigos.

E, acompanhando a vida política do pai, o Rodrigo acabou ficando perto também do Allende.

Rodrigo Tavolari: Eles criaram uma amizade muito grande, tanto que, por exemplo, nas campanhas presidenciais, muitas vezes, o Allende ia pra Valparaíso, para a região toda, faziam campanha, e no final da noite, à meia noite, uma hora da manhã, meu pai chegava com o Salvador Allende em casa e minha mãe tinha que acordar para fazer comida para ele, porque chegava de repente.

Natália Silva: A esfera da vida privada deles, que sempre foi meio porosa, se dissolveu de vez em 1969, quando o Antonio se candidatou a deputado.

Nessa altura, o Allende já era um dos políticos de esquerda mais conhecidos do Chile. Ele já tinha sido deputado, senador, presidente do senado, além de candidato à presidência várias vezes.

E o Allende não foi o único cabo eleitoral ilustre do Antonio.

Natália Silva: A Bianca comentou comigo que o Pablo Neruda escreveu um poema...

Natália Silva: O Pablo Neruda real-oficial, o inesquecível poeta chileno.

Rodrigo Tavorari: Exatamente. E lamentavelmente, eu e meu irmão e meu tio, enquanto ele ainda era vivo, nós fizemos de tudo para conseguir esse poema e a gente não conseguiu.

Natália Silva: A única parte que sobrou desse poema foi essa aqui, que ficou na memória do Rodrigo.

Rodrigo Tavorari: Ele dizia: y el pueblo lo llama, llama Antonio. Seria “e o povo chama o nome dele, Antônio”, seria isso. Mas uma coisa que meu irmão e eu tínhamos muito claro é que, por ser filhos de um político que estava em evidência e muita evidência, e aquela eleição que eu falei era a maior evidência que ele teve, a gente tinha que ter muito cuidado com o que falasse, com o que fizesse, pra onde fosse e tal. E já pequeno a gente tinha isso. A gente não podia falar qualquer coisa em qualquer lugar. A gente não podia fazer qualquer coisa em qualquer lugar.

Natália Silva: De alguma forma, os filhos também tinham que ser políticos.

Rodrigo Tavorari: Teve uma vez que eu e meu irmão a gente dormia num quarto, dividíamos um quarto, e teve um dia que entrou um jornalista lá com uma câmera fotográfica, abriu a porta, e fez uma foto do meu irmão e eu, a gente se acordou com o flash da foto. Era incrível. E todo dia tinha umas, sei lá, 100 pessoas na porta.

Natália Silva: A vida privada de vocês era muito invadida pela vida política do seu pai.

Rodrigo Tavorari: Ah, sim. Sim, sim, sim...

Natália Silva: Em 1969, o Antonio foi eleito deputado.

Natália Silva: E você sabe qual era o contexto político do Chile quando ele foi eleito?

Rodrigo Tavorari: O presidente do Chile, naquele momento era o Eduardo Frei Montalva, que era o presidente da Democracia Cristã. E faltava um ano para as novas eleições. Ele não poderia ser eleito de novo, porque no Chile, presidente não se reelege. E havia uma, assim, uma cobrança por políticas sociais muito forte.

Natália Silva: O Chile estava passando por um período difícil. A economia estava estagnada, a pobreza cresceu, e a elite estava incomodada com a dependência estrangeira.

Eu vou falar um pouco da história do Chile porque ela é

fundamental para entender a história do Antonio, do Rodrigo e da Bianca.

O Chile, como você já deve ter visto no mapa, é um país espremido na costa oeste da América do Sul – ou seja, do lado oposto das cidades mais populosas do Brasil.

E, por uma questão de placas tectônicas – que eu não vou me estender aqui –, a costa do Pacífico é muito mais montanhosa do que a costa do Atlântico. Boa parte da Cordilheira dos Andes fica no Chile. Boa parte do deserto do Atacama também.

Além disso, o solo do Chile é muito rico em jazidas minerais – principalmente de cobre, e a exploração desses minerais foi desde sempre uma das principais atividades econômicas do país.

Outros países sempre ficaram meio de olho nisso, com interesses, claro... principalmente os Estados Unidos.

Nessa mesma época, o mundo estava vivendo a Guerra Fria. De um lado, os Estados Unidos estavam tentando garantir que o máximo de países possível vivesse num modelo econômico capitalista. Do outro lado das trincheiras, a Rússia estava na mesma empreitada de garantir mais países aliados, só que seguindo um regime socialista.

Eu disse trincheiras, mas não tinha guerra pra valer. Era uma disputa geopolítica. As armas eram outras.

Em 1964, o Chile – esse país magrelinho da América do Sul – entrou nessa briga de cachorro muito grande.

O que que aconteceu? Uns anos antes disso, em 61, os Estados Unidos criou uma aliança pra atrair os países da América do Sul pro lado deles na Guerra Fria.

O Chile entrou nessa aliança e, em troca, recebeu financiamento para desenvolver o país. Mas as coisas não melhoraram muito... aí, em 1964, teve eleições presidenciais.

O Allende foi candidato, mas ele perdeu pro Eduardo Frei Montalva, que não chegava a ser um candidato propriamente de direita... mas ele fez alianças com a direita. o concorrente de direita. Hoje, a gente sabe que mais da metade da campanha do Frei foi paga pelos Estados Unidos.

Eles não queriam que o Allende – que era declaradamente socialista – chegasse no poder de jeito nenhum.

E eles conseguiram barrar isso. Por um tempo.

Só que aí, em 1970, o Chile ia ter eleições de novo.

O Eduardo Frei Montalva estava no poder, tentando governar agradando a direita e sem desagradar demais a esquerda à direita estava no poder, mas a situação do país não era boa...

Rodrigo Tavorari: Então, de alguma forma, o Chile estava passando por essa transformação, mas já aí já, já estava começando a haver uma polarização muito grande entre direita e esquerda.

Natália Silva: A polarização acabou favorecendo a esquerda, já que ninguém estava muito contente com o governo que estava no poder.

E o Allende saiu candidato de novo.

Para navegar nesse mar turbulento, ele desenhou uma estratégia para cativar as elites – que estavam de saco cheio da dependência estrangeira.

Ele prometeu agir em nome dos interesses nacionais, fazendo com que as riquezas do país fossem uma fonte de abundância pros chilenos.

Rodrigo Tavorari: E era difícil a missão do Allende. Mesmo ganhando, todo mundo sabia que seria muito difícil, porque o Chile é um país muito conservador. Mas também havia no Chile uma tradição democrática muito grande, então, tipo, quem ganha tem que levar, tem que seguir as leis, as regras e tal. Até que se chega num ponto em que a probabilidade de ser eleito presidente era concreta, e aí as coisas começaram a mudar, aí tudo ficou mais difícil. [00:40:18]

Natália Silva: Tudo levava a crer que quem ia ser eleito era o Allende.

Rodrigo Tavorari: E a partir daí, então, entra em ação, já começa antes do Allende assumir, começa a campanha para derrubar ele.

Natália Silva: A campanha foi coordenada, é claro, pelos Estados Unidos. Que apoiou financeiramente, militarmente e politicamente todas as ditaduras que se instalaram na América do Sul a partir dos anos 60. Isso você provavelmente sabe, deve ter ouvido falar na escola.

Mas uma coisa é saber que algo aconteceu. Outra coisa é ver isso acontecer.

Natália Silva: Tá, vamos dar um passo atrás.

Rodrigo Tavorari: Ok.

Natália Silva: Eu queria saber como era para você ali. Você...

Rodrigo Tavorari: Já começava a haver ações terroristas, ódio. As pessoas quando faziam campanha no fim de semana, você de repente colava um adesivo no vidro do carro e passava alguém que era contra e as pessoas cuspiam ou te jogavam uma pedra ou te faziam... enfim, atos obscenos e tal. Isso... que isso não era normal no Chile. As pessoas viveram durante muitos anos em democracia, cada um votava em quem votasse e não acontecia nada. Mas ali já começou um momento mais crítico... E o último ato de campanha que o Allende fez em Valparaíso, a gente teve o privilégio de estar com ele no dia em que ele ia fazer o ato de campanha, nós fomos para casa da irmã do Allende, que era casada com o médico em Viña del Mar, e ele, era o horário das quatro e pouco da tarde, então, nós chegamos lá e tava ele com alguns assessores... Chegamos meu pai, meu irmão, eu e um rapaz que dirigia o carro, porque meu pai não dirigia e a gente não tinha idade para isso. E chegamos lá, o Allende recebeu todo mundo e mandou sentar na mesa para tomar um chá da tarde. E ele fez uma coisa que eu me lembro como se fosse hoje, porque ele sentou meu irmão no lado, do lado esquerdo tava eu, do lado direito estava o meu irmão, ele estava na cabeceira da mesa, depois tinha todas as demais pessoas, meu pai incluído, e aí então serviram um chá, café ou o que for, e aí ele ia botando manteiga e geleia numa torrada e dava uma para meu irmão e dava outra para mim. E a gente ficou ali e ele ficou conversando que ele ia falar num discurso e tal e ele não anotava nada, não escrevia nada, era só um discurso. Eram todos assim, de improviso. Bem, saímos dali, a gente foi no nosso carro, meu pai foi no carro com ele... E quando a gente sai, ele tinha uma caminhonete bem incrementada, boa, não era blindada, porque na época não tinha caminhonete blindada, como candidato a presidente tinha um rádio dentro, que era uma coisa absolutamente impensável naquela época, um rádio dentro de um carro, tinha

uma enorme de uma de uma antena pra ele se comunicar, e quando a gente saiu, essa antena estava toda dobrada e o carro estava todo pichado. Alguém tinha passado ali, tinha dobrado a antena, destruído e pichado o carro.

Natália Silva: O Rodrigo contou que o Allende olhou pro carro meio sem acreditar. Mas ele entrou na caminhonete e foi pro último ato de campanha, como se nada tivesse acontecido.

Rodrigo Tavorari: E não fez mais nada, entrou no carro e o carro foi lá para levá-lo no nome. Na nota de que, no último ato de campanha em Valparaíso, que foi na praça principal e a gente teve que dar muitas voltas para chegar lá porque estava tudo cheio de gente, se falava na época que tinha algo em torno de 1 milhão de pessoas... Aí a gente já sabia que ele ia ganhar.

Natália Silva: Estava claro pra todo mundo que não tinha volta.

Em 1970, os chilenos conseguiram fazer uma coisa inédita.

Eleger, por meio do voto popular, um presidente abertamente socialista.

Esse momento histórico ficou conhecido como a “via chilena”.

Um caminho pro socialismo trilhado, pela primeira vez, em terreno democrático.

Para para olhar bem para essa cena.

O Chile, aquele país onde a política era feita com dedicação, mas de um jeito meio amador, sem muitos recursos... esse país conseguiu eleger um socialista.

Você consegue imaginar o quanto o governo dos Estados Unidos ficou feliz quando viu isso acontecer, né?

Eles fizeram de tudo para impedir que o Allende fosse eleito, depois tentaram evitar que ele tomasse posse... mas nada funcionou.

O Allende assumiu o governo e começou a implementar as mudanças que ele tinha prometido.

Eu confesso que eu não perguntei muito pro Rodrigo sobre como foram os três anos em que o Allende ficou no poder. Quando uma história acaba de um jeito tão catastrófico, é meio inevitável não ficar preso ao ato final.

Ao momento imediatamente antes de tudo sair dos trilhos.

Mas teve muita coisa antes disso.

Só pra você ter uma ideia... quando o Allende assumiu o poder, ele estatizou a extração de cobre, que antes tava nas mãos de empresas estrangeiras.

Ele mesmo chamou esse movimento de “a segunda independência do Chile”.

Essa medida foi tão celebrada e teve uma aprovação popular tão grande que nem os militares tiveram coragem de mexer quando assumiram o poder depois do golpe.

Mas, conforme ele ia governando, o Allende não continuou popular em todos os estratos da sociedade chilena.

As elites estavam inquietas com algumas medidas do governo socialista, como a reforma agrária, a estatização de empresas... tudo tava parecendo ameaçador demais.

Enquanto os conservadores achavam que o Chile tava mudando muito rápido, parte da esquerda achava que tava era demorando demais.

Junto com isso, tinha, é claro, a campanha norte-americana pra minar o terreno do Allende.

Rodrigo Tavorari: Tanto é assim que em 11 de setembro, quando veio o golpe militar, antes, vários meses antes, você ia nos mercados e não encontrava comida, não encontrava isso, não encontrava aquilo. Estava tudo mal abastecido, os preços estavam subindo. Quatro dias depois do 11 setembro, você voltava nos mercados e tinha tudo. Você encontrava tudo, tudo, tudo, tudo, tudo aquilo que não existia, que não havia antes, que você não podia comprar, prateleiras estavam todas abastecidas. Todas cheias. Isso eu vi, ninguém me contou, eu fui no mercado, eu fui lá ver. Tudo aquilo que a gente não encontrava em lugar nenhum, estava lá. Então os donos do mercado, distribuidores, as empresas, as fábricas, todos eles ajudaram a fazer a campanha de desabastecimento para criar esse ambiente de insatisfação social que fosse o motivo para que houvesse um golpe militar.

Natália Silva: O seu pai tinha medo do golpe?

Rodrigo Tavorari: Assim, na esquerda, no Chile, todo mundo sabia que viria um golpe.

Natália Silva: Já não era mais uma questão de “se”, mas sim de “quando”.

E como.

Natália Silva: Vamos falar do golpe agora.

Rodrigo Tavorari: Uhum.

Natália Silva: Eu quero saber como foi aquele dia 11 de setembro.

Natália Silva: O Golpe no Chile, com apoio americano, também aconteceu num dia 11 de setembro. 28 anos antes. Por ironia do destino, desde 2001, os países compartilham a efeméride.

No mesmo dia do mesmo mês, os Estados Unidos sofreram o maior golpe da história recente do país. O dia que mudou tudo.

Quem já era nascido e já se dava por gente naquele dia, dificilmente esquece de onde estava quando viu a imagem dos aviões colidindo contra as torres gêmeas em Nova York.

Ao mesmo tempo, essa é uma memória tão coletiva e tão repetida em documentários, filmes, livros, séries, que às vezes – pelo menos pra mim – parece coisa de TV. De filme. Vira um fato histórico e distante, por mais próximo que ele seja no tempo e no espaço.

O que me faz pensar “uau, aconteceu mesmo” são os detalhes compartilhados por quem tava lá, por quem viu acontecer, por quem sobreviveu pra contar. E também por quem não sobreviveu.

É como se a história ganhasse textura.

Tem uma coisa que eu ouvi, que aconteceu em 11 de setembro de 2001, que eu nunca me esqueci. Sempre que alguém fala da data, é isso que vem na minha cabeça.

É uma ligação telefônica feita de dentro de um dos aviões sequestrados.

Uma mulher conseguiu ligar pra casa, mas caiu na secretária eletrônica, então ela deixou mensagem pro marido.

Ela diz calmamente onde ela tá, por quê que ela tá ligando, o quê que tá acontecendo... diz que ama ele, que ama os filhos, e que espera ver o rosto deles de novo.

Eu lembro nitidamente da voz de uma mulher dizendo, já quase chorando, "I hope to see your face again".

As imagens dos aviões batendo contra as torres são chocantes, é óbvio.

Mas essa mensagem, dessa mulher, é o que ficou comigo.

As últimas palavras que ela escolheu dizer.

São esses detalhes que me lembram que a data não é só uma efeméride.

Um dia na vida de um país. Do mundo.

Foi um dia na vida de alguém.

E o 11 de setembro de 1973 foi um dia na vida do Rodrigo.

Rodrigo Tavorari: E naquele dia, cedo de manhã, a gente saiu, eu fui caminhando até o lugar onde pegaria o ônibus para ir pro colégio, eram, sei lá, sete e pouco da manhã. E quando chego lá no ponto do ônibus, aí a gente já viu que o golpe tinha começado, porque a

ponte, a ponte estava cortada, tinha um caminhão gigantesco e estavam todas as forças da Marinha ali, armados até os dentes, com capacete, com tudo, com tanque.

Rodrigo Tavorari: Aí então a gente voltou para casa e começou a colocar, sintonizar as rádios... E a gente escutando rádio... Muitos iam passando os reportes de onde estava o Allende, se já tinha chegado no Palácio de La Moneda. E ia pra lá, pra cá, a rádio aqui, outros rádios e tal... Até que então começaram os comunicados e o próprio Allende falando, o Allende fez dois ou três discursos naquele dia...

Natália Silva: Foi o último discurso desse dia que entrou pra história.

Rodrigo Tavorari: A gente estava na sala de jantar escutando e estava todo mundo perplexo, porque ninguém sabia o que ia acontecer.

Natália Silva: O golpe veio.
Agora, o que ninguém sabia era como o governo ia reagir.

Salvador Allende (discurso): Esta será, seguramente, la última oportunidad en que me pueda dirigir a ustedes.

Natália Silva: O Allende começou o discurso dizendo que aquela ia ser a última chance que ele ia ter de falar com a população... porque os militares tavam invadindo uma a uma as rádios do país...

Rodrigo Tavorari: E a última de todas que ficou foi a Rádio Magalhães, que é onde foi que, o que, o que o Allende fez seu último discurso...

Salvador Allende (discurso): Mis palabras no tienen amargura sino decepción. Y serán ellas el castigo moral a los que han traicionado el juramento que hicieron.

Natália Silva: Quando ele falou essas palavras, o Allende estava dentro da sede do governo, o Palácio de La Moneda, que estava sendo bombardeado por terra e pelo céu.

Natália Silva: E o que você mais lembra do discurso assim?

Rodrigo Tavorari: Essa parte onde ele fala que um dia amanhecerá de novo e as alamedas receberão um homem livre, essa é uma frase...

Salvador Allende (discurso): Ustedes sabiendo que mucho más temprano que tarde de nuevo abrirán las grandes alamedas por donde pase el hombre libre, para construir una sociedad mejor.

Natália Silva: O Allende diz que, antes do que se pensa, as alamedas vão se abrir de novo pra deixar passar o homem livre, que vai construir uma sociedade melhor.

Rodrigo Tavorari: E, e, quando você ouve de novo o discurso, você vê o quão seguro e firme a voz do Allende para um momento que ele sabia que era a última coisa que ele faria na vida dele. Então, assim, ele é um cara que tem que passar a história por isso, porque não, não se entrega aos militares, não se entrega à força.

Salvador Allende (discurso): *¡Yo no voy a renunciar! Colocado en un tránsito histórico, pagaré con mi vida la lealtad del pueblo. ¡Viva Chile! ¡Viva el pueblo! ¡Vivan los trabajadores! Estas son mis últimas palabras y tengo la certeza de que mi sacrificio no será en vano. Tengo la certeza de que, por lo menos, será una lección moral que castigará la felonía, la cobardía y la traición”.*

Natália Silva: “Não vou renunciar”. “Pagarei com a minha vida”. “Meu sacrifício não será em vão”.

Essas foram as últimas palavras que o Salvador Allende dirigiu aos chilenos. As palavras que ele escolheu pra serem as últimas.

Rodrigo Tavorari: Olha quando, quando acabou o discurso, eu vi meu pai muito preocupado. E a única vez que eu vi meu pai chorar foi quando saiu a notícia de que o Allende tinha morrido. Eu nunca tinha visto ele chorar. Meu pai não chorava, pelo menos não na frente da gente, não.

Natália Silva: Vocês souberam da morte do Allende pelo rádio?

Rodrigo Tavorari: Sim, pela rádio. ele pagou com a vida, né, assim, ele acaba morrendo no palácio, ele se deu um tiro. Na época, quando a gente estava lá, a gente ouvia de que ele tinha sido fuzilado no, no, no, no palácio, mas não foi esse o fato. Ele pegou uma metralhadora que o Fidel Castro tinha dado de presente e em um momento, já quando já havia o que estava tudo no final, ele subiu, sentou na cadeira presidencial e deu um tiro aqui na garganta. E aí acabou.

Natália Silva: O General Augusto Pinochet, que comandou o golpe contra o Allende, ficou no poder durante 17 anos.

Natália Silva: E como que você acha que o golpe mudou você?

Rodrigo Tavorari: Ah, assim, a gente pensava que nós, que nós tínhamos todo um ideal, que a gente podia construir como um jovem e uma esperança e tal. O golpe militar trouxe a gente para uma realidade abrupta, é como se você está no décimo andar e de repente alguém te joga do décimo para o primeiro e para dizer olha esse mundo aqui no décimo andar, sonhos e tal, isso não existe, o que existe é o que está aqui no chão. Então a gente fica muito mais pragmático, menos... Você passa a acreditar menos nas pessoas e naquilo que você pode construir de forma coletiva. É preocupante porque você fica muito desconfiado. Você fica desconfiado de tudo e de todos.

Natália Silva: Às vezes a gente... a gente já passou por vários momentos aqui no Brasil, assim, desde que eu me dou por gente e por ser político, em que a gente cogitou a possibilidade de um golpe.

Rodrigo Tavorari: Rodrigo: Sim...

Natália Silva: E ficava tentando imaginar um pouco como seria esse golpe. Ah, está acontecendo tal coisa, acho que vai ter um golpe e tal... Mas acho que tem um elemento de surpresa quando o golpe acontece, que você fala “nossa, não achei que fosse assim”. Teve alguma coisa disso quando você viu o golpe acontecer?

Rodrigo Tavorari: Ah sim, assim, é uma surpresa ser um fato, porque, porque, assim... aquilo que não é surpresa para alguém é porque você viveu antes essa situação. No Chile ninguém tinha vivido um golpe militar, então não sabia como seria. O que a gente não imaginava que fosse tão sangrento, que houvesse tantas mortes. Se você esperava que alguém pudesse ser preso e que depois fosse exilado e tal, mas não que houvesse tantas mortes.

Natália Silva: Todas as ditaduras que tomaram o continente sul-americano foram cruéis – cada uma de um jeito.

A do Chile foi extremamente dura. Os números assustam, ainda mais quando a gente lembra que é um país pequeno.

Mais de 3 mil pessoas foram mortas.

200 mil tiveram que deixar o país.

Rodrigo Tavorari: A gente até tinha falado com meu pai, se não era melhor a gente sair do país e tal, mas ele não queria sair do país, ele queria ficar no Chile.

Natália Silva: O Antonio, assim como Allende, se recusou a sair.

Ele ficou no Chile, foi preso várias vezes, muito provavelmente torturado... mas ele não falava sobre isso com os filhos.

Ele contava da prisão, do que tinha visto acontecer com os outros, mas não o que aconteceu com ele.

Porque ele era pai. E o Rodrigo era filho.

Eu fiquei umas 3 horas conversando com o Rodrigo. E, durante todo esse tempo, a Bianca tava sentada do lado dele, observando tudo.

Meu papel ali, como entrevistadora, era fazer as perguntas que talvez ela mesma quisesse fazer... mas que o Rodrigo talvez não respondesse do mesmo jeito se fosse ela perguntando.

Porque ele é pai. E a Bianca é filha.

Eu senti que eu já tinha conseguido aproximar os dois. Mas que ainda faltava aproximar os dois do Antonio.

E aí, pra isso, eu segui os passos do Rodrigo. Pra encontrar o Antonio pai e avô, eu fui atrás do Antonio político.

Natália Silva: Você já leu algum discurso do seu pai?

Natália Silva: A Biblioteca do Congresso Nacional do Chile disponibiliza na internet documentos sobre a história política do país desde 1810.

E lá tem alguns dos discursos que o Antonio fez como vereador e como deputado.

O Rodrigo tinha visto o pai dele discursar algumas vezes, mas ele não ouviu, nem viu, o último discurso que o Antonio fez.

As últimas palavras que ele escolheu dizer como político.

Natália Silva: Mas eu queria que você lesse pra Bianca, que não leu, que não viu esses discursos. ele é um pouco longo, principalmente da despedida, então eu selecionei alguns trechos para a gente ler.

Natália Silva: Esse foi o último discurso do Antonio não por causa do golpe, mas porque ele tinha escolhido não se candidatar de novo.

Ele estava encerrando o mandato dele como deputado.

Ele sabia que um capítulo da vida dele estava acabando.

E dá pra sentir no discurso que ele tem medo do capítulo que está por vir.

Natália Silva: Depois de um momento histórico, é muito difícil a gente reconstruir o jeito que o mundo era antes dele. Tem eventos tão enormes, tão monstruosos, que parecem tingir tudo ao redor deles, pra frente e pra trás.

Mas esse discurso é como se fosse uma janela para esse momento pré-. Que ainda não era um momento pré-. Era o presente mesmo.

Naquele dia, ainda faltavam 139 dias para o golpe.

Mas o Antonio não podia saber disso, claro. Ninguém podia.

A gente tá no presente de 25 de abril de 1973.
E o discurso começa de um jeito até banal.
Um político tá se despedindo.

Rodrigo (lendo discurso do pai): Bom dia.

Natália Silva: O Antonio diz que, assim como é de boa criação dizer “bom dia”, é de bom tom dizer até logo.

Como quase todos os políticos que se despedem, ele tem umas alfinetadas finais.

Rodrigo (lendo discurso do pai): *¡Cómo hubiésemos querido haber tenido una mayor identidad en algunas cosas!*

Natália Silva: Ele lamenta que ele e os colegas não tenham conseguido superar discussões pequenas, do dia a dia político... consumindo o tempo e a energia que eles podiam ter usado pra defender a democracia.

Rodrigo (lendo discurso do pai): Pero la política es así.

Natália Silva: A política é assim.
Mas, pro Antonio, a política podia ser outra coisa também.
Uma coisa mais antiga do que ele – e que ele estimula, quase pede pros colegas preservarem.

Uma coisa que é muito deles. Dos chilenos.
Não o Salvador Allende, mas a “via chilena”.
A capacidade de diálogo quase forçada para um povo
espremido cercada por uma cordilheira, por um deserto,
pelo Oceano Pacífico e pela Antártida.

O Antonio lembra os deputados que os olhos do mundo tão sobre o Chile.
Que outros países tão olhando pra lá e pro caminho socialista que o Chile trilhou em busca de respostas.

É um discurso de quem tem medo.
E ele diz isso mesmo, com todas as letras. Que ele tem medo.

Rodrigo Tavorari: Sí, es un discurso que muestra como estaba la situación de Chile en abril de 1973, em 1973, e que, que mostrava o quanto a sociedade do Chile estava dividida e a preocupação de que poderia as coisas serem piores. Isso é abril, e em setembro teve o golpe militar. Ou seja, foram cinco, cinco meses antes. Eu posso dizer que eu não me lembrava que houvesse uma preocupação tão grande do meu pai com o momento do Chile. Agora, no discurso, fica claro que havia uma preocupação bastante séria, bastante mais, como dizer... Mas marcada do que na minha memória. Sem dúvida.

Bianca Tavorari: É muito curioso, porque eu não conheço a voz dele. Nunca encontrei com ele e nem com a minha avó. Então tem essa conexão, que é uma conexão intermediada. O que a gente fez aqui. Acho que foi um outro tipo de intermediação. Ouvi a voz do meu avô pela voz do meu pai, tentar pensar como era, se transportar para esse momento, ainda com, com essa possibilidade de pensar o que talvez passasse pela cabeça dele, assim.

Natália Silva: O Antonio estava com medo, mas as últimas palavras desse discurso dele também carregam uma esperança.

Uma esperança comedida, quase envergonhada, de que o futuro não tome o pior rumo.

As últimas palavras daquela mulher no avião sequestrado também são assim. E partes do discurso final do Allende também.

Pra gente, que escuta com ouvidos que sabem como tudo acabou, dói. Mas a gente não preferia que o Antonio, a mulher no avião ou o Allende tivessem tido menos esperança.

Dá é um pouco de vontade de voltar pra esse lugar, pra esse momento, onde o futuro ainda estava em aberto.

(Bianca Tavorari agradece)

Rodrigo Tavorari: Sem dúvida. Muitas, muchas gracias!

Natália Silva: E como diz seu pai, é bom dizer “hasta luego”.

Branca Vianna: Essa foi a Natália Silva, produtora da Rádio Novelo.

A Bianca Tavorari, que trouxe essa história pra gente, é doutora em direito e filosofia, pesquisadora do Cebrap, e assina a coluna “As cidades e as coisas”, da revista Quatro Cinco Um.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Você já sabe, mas toda semana a gente também posta material extra no site, na página de cada episódio.

Infelizmente, não sobrou nenhum print da home do iG no Dia da Boa Notícia nos anais da internet, mas o Vitor garimpou algumas imagens pra dar o clima.

E tem também as transcrições dos discursos do avô da Bianca, pra quem quiser mergulhar um pouco mais naquele momento da história chilena.

Lá no site, também dá pra assinar a nossa newsletter, que chega toda semana pra apresentar o episódio e traz sempre uma dica do nosso time.

Se você quiser mandar uma sugestão pra gente, vai lá no nosso site, no menu, onde tem a seção “envie uma pauta”.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Evelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Denise Ribeiro e pelo Bruno Lima.

A gente teve apoio de montagem da Mariana Leão.

Nesse episódio a gente usou música original de Kiko Dinucci e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.